

EDITORIAL*EDITORIAL* **Matheus da Silveira Grandi** ^A

^A Programa de Pós-Graduação em Geografia
Professor Associado do Departamento de Geografia / Faculdade de Formação de Professores /
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGGEO / DGEO / FFP / UERJ)
Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Recebido em: 15/07/2022 | 18/07/2022 **DOI:** 10.12957/tamoios.2022.69186
Correspondência para: Matheus da Silveira Grandi (mtsgrandi@gmail.com)

A equipe editorial da Revista Tamoios traz aqui o Número 2 de seu Volume 18, último número deste ano de 2022. Resultado do trabalho desenvolvido em meio ao contexto politicamente turbulento dos últimos meses, que contaram com o retorno paulatino das atividades presenciais em meio a um momento de arrefecimento dos casos graves de COVID-19 no país e no estado do Rio de Janeiro, este número apresenta mais um exemplo do comprometimento da revista com a valorização de debates cruciais à Geografia contemporânea – em especial a de âmbito nacional. Dentre eles, destacam-se neste número artigos que aprofundam debates feitos a partir de epistemologias não hegemônicas, como aquelas fundamentadas nas abordagens feministas e decoloniais. Além disso, boa parte do número é dedicado às reflexões ligadas ao campo do ensino de Geografia, tanto trabalhando questões teórico-metodológicas quanto discutindo experiências práticas específicas (seja no âmbito da educação básica ou da formação de professores).





O número é aberto pelo texto “Geografia e ontologia no debate dos feminismos” de Mariane Biteti, docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ). A autora explora permeabilidades possíveis entre uma leitura ontológica da teoria geográfica e as teorias feministas, visando explicitar a geograficidade dos feminismos e destacar os limites impostos por estruturas que se reproduzem na produção do espaço social em diferentes escalas, dentre as quais os corpos das mulheres em sua corporeidade. A partir dessa referência a autora sugere pensar as estratégias do margear – abordagem fundamental para o reconhecimento tanto dos conflitos existentes em torno das configurações das relações de poder da sociedade, quanto da capacidade de invenção de novas formas de existência nas brechas das relações de domínio, opressão e violência.

Também do ponto de vista da potencialidade do encontro de campos do conhecimento distintos, apesar de próximos, José D'Assunção Barros oferece o artigo “História local e história regional – a historiografia do pequeno espaço.” Com foco nas modalidades historiográficas da História Regional e da História Local, o professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) discute o desenvolvimento do conceito de lugar na Geografia, como o mesmo ultrapassou a ideia de localidade e as diferentes motivações para o estudo da História Local.

Vemos neste número resultados de reflexões que destacam a profusão de caminhos que se abrem à pesquisa quando se articulam diferentes conjuntos de saberes, como é de praxe na prática acadêmica. Tais conjuntos de saberes se entrelaçam com conhecimentos produzidos na prática social, complexificando e apresentando desafios às elaborações da Geografia.

Um exemplo de considerações a esse respeito é encontrado no artigo “Território e estudos de matriz decolonial: caminhos e possibilidades de pesquisa na geografia”, escrito conjuntamente por Gabriel Siqueira Corrêa – também professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP / UERJ)– e por Carolina da Silva Santos – doutoranda no Instituto de Geografia, também da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IGEOG / UERJ). Nele, a autora e o autor apresentam possibilidades para o campo investigativo dos estudos sobre território na Geografia associando-as à corrente decolonial. Tomando como referencial empírico um debate sobre as comunidades remanescentes de quilombos no Brasil (em especial a comunidade quilombola de Santa Rita do Bracuí, no Estado do Rio de Janeiro),



o texto sublinha tanto a potencialidade do conceito de território quanto as dificuldades teórico-metodológicas quando se tenta operacionalizar pesquisas que considerem esse referencial conceitual a partir do debate da colonialidade – tão importante para as análises geográficas contemporâneas brasileiras e latino-americanas.

A atenção às disputas e conflitos que constituem a produção do espaço brasileiro também é um eixo importante no trabalho apresentado a seguir por Francisco Joedson da Silva Nascimento, da Universidade Federal de Goiás (UFG), intitulado “Presença, silenciamento e aparecimento político dos povos indígenas no Ceará”. O autor se utiliza dos conceitos de ideologia geográfica e de aparecimento político como lentes para discutir como a produção do território cearense possibilitou o avanço do espólio das terras indígenas e a exploração desse grupo social enquanto mão-de-obra, além de debater o processo de aparecimento político que os povos indígenas no Ceará vêm protagonizando desde 1980.

Conferir atenção às ações de grupos sociais historicamente subalternizados cumpre papel central nas reflexões tanto sobre as formas de produção e atualização dos processos de dominação quanto a respeito das estratégias criadas por tais grupos para existir no mundo presente. O artigo “Afrontando leis: uma cartografia do espaço de catação de materiais recicláveis no município de Criciúma, Santa Catarina” – de Vitória Oliveira de Souza, Viviane Kraieski de Assunção e Mário Ricardo Guadagnin (todos vinculados a Universidade do Extremo Sul de Santa Catarina / UNESC) – apresenta uma cartografia da catação de materiais recicláveis de Criciúma (SC), buscando discutir a espacialização do poder e os processos de subjetivação que constituem o espaço urbano por meio da noção de cartografia de Gilles Deleuze e Felix Guattari, do território existencial da catação da cidade e da influência exercida sobre essa atividade por um conjunto de três leis municipais. Assim, problematizam o discurso higienista e apontam para a produção de heterotopias, espaços-outros que contrapõem a matriz social hegemônica.

O artigo seguinte inicia uma sequência de trabalhos dedicados ao campo do ensino de Geografia e da formação de professores, conteúdo com presença constante na Revista Tamoios. Darlan da Conceição Neves e Roberto Greco, ambos da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), trazem à baila a perspectiva dialógico-discursiva de Mikhail Bakhtin para pensar o uso teórico do discurso na Geografia Escolar em seu texto chamado “A análise dialógica do discurso como possibilidade teórico-metodológica para a produção de conhecimento na geografia escolar”. A análise proposta a partir dos conceitos de enunciado,



signo ideológico e gêneros discursivos busca o diálogo com docentes de Geografia para facilitar a compreensão da abordagem de Bakhtin e de sua relevância para o desenvolvimento do raciocínio geográfico.

Já em “Elementos da Prática Pedagógica dos Professores de Geografia da Rede Estadual de Educação em Natal/RN”, Jane Claudia Cabral Bragelone, Alessandro Dozena e Eugênia Maria Dantas (vinculados à Universidade Federal do Rio Grande do Norte / UFRN) expõem sua pesquisa na qual exploram as principais dificuldades relatadas pelos professores de Geografia das escolas públicas da rede estadual de educação do Rio Grande do Norte, especialmente aquelas localizadas em Natal, e suas estratégias metodológicas utilizadas para ensinar Geografia. Suas conclusões, dentre outras coisas, apontam para a falta de recursos didáticos específicos, as dificuldades estudantis, a predominância de formatos específicos de aula e a pluralidade de formatos avaliativos.

As estratégias metodológicas também são objeto de reflexão quando se trata do processo de formação de professoras e professores. O conjunto de docentes do Centro de Ensino Superior do Seridó da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (CERES/UFRN) composto por Thenilly Sérgia Brito Costa, Aline da Silva Cardozo, Sara Fernandes Flor de Souza, Marianna Fernandes Moreira e Iapony Rodrigues Galvão apresentam à comunidade acadêmica geográfica o artigo “O trabalho de campo como intervenção prática no estágio curricular supervisionado em geografia”. Na esteira do reconhecimento da importância das intervenções de licenciandos em espaços escolares como parte do adensamento e complexificação da formação docente, as autoras e autores trazem suas contribuições ao debate apresentando casos de intervenção de estagiárias e estagiários no ambiente escolar destacando como o trabalho de campo pode ser uma alternativa profícua nessa etapa do processo formativo.

A preocupação com o processo de ensino-aprendizagem, eixo importante dos debates sobre a Geografia Escolar, se expressa nitidamente também no trabalho escrito por Francisco Nataniel Batista de Albuquerque, João Bandeira da Silva, Edilmara Vieira de Melo e Gêssica Maria Silva (todos ligados ao campus Iguatu do Instituto Federal do Ceará / IFCE). Em “Os conceitos de biomas e domínio morfoclimático nas vídeos aulas de geografia: abordagens e desafios”, eles partem do reconhecimento do papel que assume o tratamento dos conceitos geográficos nas aulas dedicadas à compreensão das temáticas físico-naturais para analisar a utilização dos conceitos de domínio morfoclimático e de bioma em vídeo-aulas publicadas em



uma grande plataforma de vídeos na internet. Sua análise evidencia marcas da secundarização do conceito de domínio morfoclimático e da redução do seu potencial explicativo acerca das paisagens brasileiras, aspecto relevante para as reflexões sobre a Geografia Escolar.

Rosemberg Ferracini e Matheus Henrique Pereira da Silva, ambos da Universidade Federal do Tocantins (UFT), também exploram as possibilidades de práticas docentes em seu artigo chamado “Alfabetização cartográfica: o ensino antirracista de Geografia da África”. No contexto de atividades educacionais virtuais motivadas pela emergência sanitária da pandemia de COVID-19 os autores apresentam reflexões sobre atividades educativas antirracistas que abordam possibilidades de ensino e aprendizagem no processo de alfabetização cartográfica decolonial do continente africano. Seus resultados apontam para desdobramentos positivos dessas atividades tanto para o corpo discente quanto para o corpo docente da instituição que serviu de referência para a pesquisa.

Fechando o número, Laise Novellino Nunes Souza, Augusto Eduardo Miranda Pinto e Jader Lugon Junior (todos do Instituto Federal Fluminense / IFF) trazem em seu texto “Análise qualitativa, com o software Qgis, de local propício para implantação de um parque eólico e solar no Deserto do Saara, continente africano” o relato de uma experiência didática do uso de geotecnologias que investigou quais seriam as áreas com maiores vocações para a implantação de um parque eólico e solar dentro do deserto do Saara. A experimentação de ferramentas geotecnológicas, sua análise e os procedimentos de pesquisa-ação adotados permitiram aos autores identificar o potencial da ferramenta QGIS para oferecer suporte à tomada de decisões.

A expectativa é, portanto, que a leitura dos artigos deste número seja profícua e prazerosa a todas e todos, proporcionando momentos e *insights* que estimulem a invenção de práticas que aprofundem e renovem a produção do conhecimento e o fazer geográfico sem que se abra mão do reconhecimento do papel dessas práticas na produção de nossos mundos contemporâneos e futuros.

COMO CITAR ESTE TRABALHO

GRANDI, Matheus. Editorial. Revista Tamoios, São Gonçalo, v. 18, n. 2, p. 01-05, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/tamoios.2022.69186>. Acesso em: DD MM. AAAA.